

Meu mais antigo amigo de infância

Luiz Carlos Fadel de Vasconcellos

[Grupo Multiplicadores de Visat Saúde-Trabalho-Direito]

Tenho um amigo - Armando Nembri -. Eu o conheço há muito pouco tempo.

Aos 74 anos, sete ou oito anos é quase um fim de semana, 'inda mais interrompido por uma infinidade de "férias" na Pandemia.

Armando muito me ensinou quando disse, logo ao me conhecer, que eu era o seu mais novo amigo de infância.

Ele é surdo e toca piano. Ele ouve o som do mundo pelos olhos e pelas mãos sobre nossos ombros quando lê nossos lábios.

Sua declaração me tocou como se fosse uma sonata para piano, orquestra e amizade eterna.

Feito esse preâmbulo, apresento o meu mais antigo amigo de infância:

Alisson Azevedo.

Ele mora em Goiás e eu ainda não o havia encontrado pessoalmente nos meus últimos 73 anos de existência.

Entre nós não houve uma "infância perdida". Houve apenas uma infância até então reclusa no mistério.

Nossas brincadeiras não brincadas, agora, tantos silêncios depois, voltam rapidamente com a velocidade da calma.

A calma de trocarmos vozes e nos olharmos nos olhos. Ao escrever, na última Coluna Opinião, sobre a carta de Mark (meu amigo americano), a primeira pessoa que pensei que eu gostaria que a lesse foi Alisson. Meu mais antigo amigo de infância foi rápido tanto quanto uma decisão de Dom Pedro Casaldáliga em favor dos injustiçados, não por acaso nosso vizinho em nossa infância.

Ele me deixou orgulhoso ao lê-la e dizer que havia gostado.

Alisson lê as coisas e as cores do mundo pela música e pela cor do som das palavras amadas.

O encontro de infâncias paralelas, abrigadas no mistério, une lugares, sabores, cheiros, gostos, brincadeiras, sonhos e desejos de um mundo melhor pela música e pelo abraço. O mundo de Alisson é o da música e do abraço.

É o mundo que aprendi a desfrutar desde quando estivemos compartilhando nossas infâncias, a partir de sempre.

Viciados em música, como fomos desde as primeiras fraldas, só podia declarar meu amor pelo Alisson com o som do amor eterno.

Posso estar plagiando meu amigo Mark ao escrever esta carta.

Mas Alisson sabe que o plágio só é crime para aqueles que impedem que suas obras sejam jogadas ao vento de um mundo melhor.

Ninguém inventa algo de novo.

Se plágio fosse crime, os operários que construíram o mundo com suas artes seriam todos plagiadores e estariam todos em cana.

O que, aliás, não deixa de ser verdade. A (in)justiça humana em defesa do poder econômico subjugou os trabalhadores na história e os aprisionou na jaula da opressão. Desde a infância, Alisson e eu, sem sabermos, sabíamos disso.

Daí, retribuo a leitura da carta de Mark com uma carta para ele próprio: Alisson.

Carta para Alisson, meu mais antigo amigo de infância

Meu querido Alisson, lembra do **tempo dos quintais**? Pois é.

Agora que nos reencontramos, **a casa é sua... e nela uma porta pra você entrar.**

Você sabe que mesmo separados todo esse tempo, sempre estive **contigo na distância.**

Amor e amizade sempre andaram juntas.

E como *a vida é a arte do encontro*, estamos aqui agora com a **benção** de Vinícius de Moraes,

pois sempre *é melhor ser alegre que ser triste.*

Alisson, o que será que nos uniu nessa empreitada do destino? Será porque a gente **canta o Brasil**?

Será pela brasilidade incontrolável que aprendemos com Dom Pedro Casaldáliga por tanto amar **nosso país**?

Ou será porque nossos amigos mineiros nos ensinaram que em nosso país **o céu azul é mais azul**?

Será pelas nossas origens lusitanas entre as **canoas do Tejo** d'onde partiram os que nos descobriram?

Talvez seja porque tenhamos entoado, em algum momento, o mesmo **canto do povo de um lugar.**

O mesmo mistério que nos ronda é aquele que me faz declarar que **não dá mais p'ra deixar de amar você** e suas diabruras.

Sei de várias delas, mas uma que bem me lembro foi uma de suas primeiras divas: a **Diva**. Talvez você nem lembre, *chovia*.

Você era uma criança p'ra conhecer as coisas do amor.



Só depois soubemos que somente as crianças conhecem as coisas do amor.
Outra diabrura sua que me deixou meio encabulado foi quando você viu **os quindins de Yayá ...**
Mas, eu adorava quando você soltava **foguete**. Em nossa infância havia Festa de São João.

Alisson, estou feliz aqui, **de volta pro aconchego**.

Quando a gente é criança, enquanto o pai não chega e a mãe não se achega, sobra o companheiro da imensa vida à frente.

Foi duro ficar sem você vez em quando. Por isso escrevo essa carta.

É p'ra dizer que parece que estivemos sempre juntos **sentados à beira do caminho**.

E nesse caminho **só nos resta tentar**, tentar o que já vínhamos tentando... mudar o mundo.

Alisson, **pela primeira vez na minha vida** encontrei o meu mais antigo amigo de infância.

Peço desculpas se exagero na dose de emoção e saudade. É mais do que um resgate. É um arrebatamento.

Por isso quero lhe dedicar uma música, ao som de um único violão que dá sentido à orquestra.

E para anunciá-la convido aqueles dois amigos de infância, irmãos que tanto admirávamos, lembra? Amélia e Raphael.

Achei que só eles poderiam anunciar as **sete cordas** de **Rodrigo**, nosso antigo camarada, costuradas nas mãos do Pablo.

Só sei que enquanto houver os corações / Nem mesmo mil ladrões podem roubar canções

E deixa estar que há de voltar / O tempo dos pardais, do verde nos quintais

Tempo em que o medo se chamou jamais.

■ ■ ■

Post Scriptum: Esqueci de dizer que nossos amigos de infância Sivuca, Paulinho Tapajós, Elizeth, Arnaldo Antunes, Ortinho, Bethania mandaram lembranças. E de nossos camaradas Jose Feliciano, Cesar Portillo, Baden, Vinícius, Geraldinho, Moraes Moreira, todos bebedores encardidos... lembra? Também Alcir, David, Braguinha, Ivan, Vítor Martins, todos mandando abraços... Quem mandou um abraço apertado foi a turma dos nossos amigos mineiros titulares do ritmo, lá do Instituto São Rafael de Belo Horizonte (Francisco e Geraldo Nepomuceno, Domingos, João Cândido, Joaquim e o Sóter). Lembraram de você, também, Beatriz, Frederico, Caetano, Ray Charles, só gente boa de música... E o César Costa Filho, aquele que lhe roubou a Diva? Também mandou um abraço, acho que ele estava meio sem graça... E Ary, Dominginhos, Elba, Nando Cordel, Andrea Bocelli, Erasmo, Roberto, ih! são tantos... Amélia, Raphael, Paulo César, Rodrigo, Pablo... Ah! lembra de nossos amigos americanos Diane, Carrol, Peter, Stevie? Pois é mandaram beijos... Até Tia Canô mandou um beijinho. Pôxa, que bom que a pátria da música é o coração tolerante, acolhedor e amante

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical.
A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões,
na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.